DOSSIÊ

PENSAMENTO POLÍTICO E SOCIAL BRASILEIRO

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Thiago Pereira da Silva Mazucato (PPG-Pol/UFSCar)[1]
Felipe Fontana (PPG-Pol/UFSCar)[2]

Neste terceiro número da Revista Florestan apresentaremos, em sua primeira parte, um dossiê composto por sete artigos vinculados ao campo do Pensamento Político e Social Brasileiro, buscando oferecer assim, principalmente aos alunos de graduação em Ciências Sociais e áreas afins, um panorama introdutório de pesquisas e de estudos que atualmente estão sendo desenvolvidos nessa importante área do saber. Considerando a especificidade do já mencionado dossiê intitulado de *Pensamento Político e Social Brasileiro* publicado nesta edição da Revista Florestan, realizaremos agora uma breve apresentação dos trabalhos contidos nele. Todavia, antes disso, trataremos brevemente da particularidade de nosso Pensamento Político e Social no sentido de evidenciar com mais clareza as características distintivas do campo ao qual este conjunto de artigos se vincula.

De modo geral, o Pensamento Político e Social Brasileiro resguarda ou engloba uma gama vasta de estudos e trabalhos preocupados com a compreensão: 1) de trajetórias intelectuais no Brasil; 2) do vínculo entre intelectuais e algumas instituições/organizações sociais e políticas brasileiras; 3) da circulação, recepção e apropriação de ideias no cenário intelectual brasileiro; 4) das diferentes formas como as ideias se constituem e das distintas maneiras como elas são veiculadas, transmitidas, absorvidas e recebidas pelo conjunto social e político de nossa sociedade; 5) do profundo vínculo entre a constituição de um determinado conhecimento e as especificidades sociais, culturais, econômicas e políticas de um dado recorte temporal/contextual da realidade brasileira. É válido destacar que por mais que se intitule Pensamento Político e Social Brasileiro, este campo do saber não se refuta ao estabelecimento de diálogos produtivos com a América Latina, ou ainda, com o Pensamento Político e Social Latino-americano. Destes diálogos, emergem trabalhos e análises pontuais e comparativas que, por sua vez, também estão preocupadas e atreladas com as cinco dimensões por nós destacadas anteriormente.

Sendo um campo específico do saber e, por conseguinte, detentor de uma gama significativa de pressupostos metodológicos, permaneceu em nosso horizonte a preocupação neste dossiê com a integração ao seu conjunto de trabalhos destinados à problematização e à

[1] Mestrando em Ciência Política pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (PPGPol/UFSCar). E-mail: t.mazuca@gmail.com
[2] Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos (PPGPol/UFSCar). E-mail: buthjaum@yahoo.com.br

Revista FLORESTAN
ISSN 2357 8300

complexificação de algumas orientações metodológicas ligadas ao Pensamento Político e Social Brasileiro. O número de autores e estudos que podem auxiliar nos principais dilemas circunscritos à realização de trabalhos no campo de nosso Pensamento Político e Social é vastíssimo[3]. Entretanto, observando que na atualidade há o desenvolvimento de muitas pesquisas de buscam compreender determinados autores e suas ideias levando em consideração as importantes mediações entre seus pensamentos e os contextos nos quais eles foram constituídos, elegemos a Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim como um dos temas mais relevantes para serem tratados neste dossiê[4].

Sendo assim, Thiago Mazucato no artigo intitulado "*Aspectos históricos e metodológicos: alguns elementos teóricos da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim*" nos traz uma reflexão acerca da trajetória do conceito de Sociologia do Conhecimento. Nesse sentido, o autor retoma dilemas clássicos intrínsecos ao fenômeno do conhecimento sem se furtar da tarefa de estabelecer as mediações que marcaram a constituição deste conceito tal como Karl Mannheim o definiu em seu pensamento (rupturas e continuidades conceituais e de paradigmas que nos auxiliam a dimensionar o modo como o intelectual húngaro-alemão concebeu a sua Sociologia do Conhecimento). Para realizar suas reflexões, Thiago Mazucato faz uma cronológica análise de parte do pensamento de Karl Mannheim e, assim como ensina e hipostasia o mestre húngaro, busca a todo o momento contextualizar as ideias do intelectual ao tempo histórico e situacional no qual ele estava imerso, para assim, mensurar a especificidade de diversas questões atreladas à Sociologia do Conhecimento, são exemplos: o paradigma das formas de pensamento; a questão dos grupos sociais; a noção de ideologia e suas respectivas formas variativas; o conceito de utopia; ou ainda, a tríplice relação entre as noções de reacionarismo, conservadorismo e progressismo.

Já Felipe Fontana, no artigo denominado de "*Dimensões Metodológicas da Sociologia do Conhecimento Circunscritas ao Pensamento Político e Social Brasileiro: um Diálogo Possível entre*

[3] De modo exemplificativo, podemos citar alguns autores que, por vezes, compõem o conjunto de intelectuais usualmente elencados por pesquisadores de nosso Pensamento Político e Social que, por sua vez, auxiliam fundamentalmente na resolução de dilemas metodológicos circunscritos as suas pesquisas, são eles: Quentin Skinner, John *Pocock, Reinhart Koselleck, Daniel Pécaut e Gildo Marçal Brandão.*

[4] Lilia Mortriz Schwarcz e André Botelho, no artigo denominado *Pensamento Social Brasileiro, um Campo Vasto Ganhando Forma*, informam o quanto é notável a quantidade de trabalhos desenvolvidos atualmente que se mostram preocupados com as conexões e as relações entre pensadores, ideias e contextos históricos e de produção do conhecimento: "Em consonância com a produção e o debate internacionais no domínio das ciências sociais, podem-se assinalar, ainda, algumas alterações importantes nesse campo de pesquisas, como o interesse pelos processos sociais não apenas de produção, mas também de aquisição, transmissão e recepção das diferentes formas de conhecimento; a visão dos detentores do conhecimento como um grupo maior e mais variado do que antes; o interesse pela vida intelectual cotidiana de pequenos grupos, círculos ou redes vistas como unidades fundamentais que constroem e difundem o conhecimento" (Botelho & Schwarcz, 2011, p. 12).

Revista FLORESTAN
ISSN 2357 8300

Oliveira Vianna e Émile Durkheim", busca, em um primeiro momento, evidenciar os pressupostos metodológicos difundidos pela Sociologia do Conhecimento para, posteriormente, articulá-los a uma discussão de cunho prático-operacional que, por sua vez, está intimamente ligada com a produção de muitas pesquisas vinculadas ao Pensamento Político e Social Brasileiro. Para isso, o autor lança mão dos dilemas metodológicos que enfrentou na realização de sua pesquisa de mestrado intitulada "*A Presença de Émile Durkheim em Oliveira Vianna: Contribuições ao Pensamento Social e Político Brasileiro*" que, dentre outras coisas, buscava compreender a presença de teorias, conceitos e ideias durkheimianas em meio ao pensamento de Oliveira Vianna. Dessa forma, Felipe Fontana mostra em linhas gerais como realizou e operacionalizou a sua pesquisa sem, contudo, abandonar os pressupostos metodológicos lançados pela Sociologia do Conhecimento que, de modo profundo, lhe auxiliaram na obtenção de seus resultados de pesquisa.

Saindo de uma proposta temática mais metodológica e partindo para uma dimensão expositiva que busca evidenciar parte do caleidoscópio que atualmente se configura como a produção de pesquisas em nosso Pensamento Político e Social, nós, da organização deste dossiê, selecionamos um conjunto de trabalhos interessados na investigação de distintas e relevantes temáticas. Sendo assim, Israel Pacheco Júnior, no artigo intitulado "*Os Sentidos que Orientam a Perspectiva da Revolução em Caio Prado Junior*", nos mostra como, em meio ao pensamento caiopradiano, a noção de Revolução se constitui de modo entrelaçado com a interpretação que o intelectual resguardava sobre o Brasil, em especial acerca do tema da formação nacional e econômica de nosso país. Neste artigo, Israel Pacheco Júnior mostra como há, no interior das ideias e posições de Caio Prado Júnior, uma íntima ligação entre a possibilidade de se operacionalizar uma Revolução no Brasil que, por sua vez, rompa definitivamente com as nossas heranças formativas de modo a não encarar o Brasil como uma nação pré-capitalista, ou seja, que ratifica a percepção de que a nação brasileira precisa ser primeiramente capitalista para, posteriormente, se construir com êxito a revolução em nosso país. Essa importante perspectiva de Caio Prado Júnior, constantemente debatida pela fortuna crítica do intelectual paulista, é adensada neste trabalho de Israel Pacheco Júnior justamente porque é discutida e analisada tendo em consideração uma gama significativa de fontes e dados analíticos.

Diogo Valença de Azevedo Costa, no artigo intitulado "*As Interpretações da Sociologia de Florestan Fernandes: uma Classificação*" seleciona e problematiza, em meio à amplitude temática intrínseca ao pensamento de Florestan Fernandes, a definição de Sociologia tal como é

apresentada pelo intelectual paulista e, sobretudo, pela fortuna crítica dedicada ao exame e à revista do sociólogo brasileiro, de suas obras e de suas ideias. Sendo assim, o autor se debruça sobre a miríade de trabalhos acerca da obra e da trajetória de Florestan Fernandes, proporcionando-nos um exímio mapeamento destes trabalhos, com destaque para alguns destes que se cristalizaram como marcos interpretativos e acabaram se transformando em referenciais analíticos que auxiliam o pesquisador do assunto na árdua tarefa de classificar a obra deste que é considerado um dos maiores sociólogos brasileiros dos anos 1950 até meados da década de 1990. O autor deste artigo nos apresenta um grande dilema com o qual a maioria dos pesquisadores do campo de Pensamento Político e Social Brasileiro precisam lidar, teórica e metodologicamente: como enfrentar a compreensão e a interpretação da obra de um determinado autor, produzida num determinado contexto histórico, com o qual esta obra guarda estreitos vínculos existenciais? E, nesta relação entre texto e contexto, o pesquisador também precisa se debruçar sobre as tarefas já efetuadas anteriormente, que se constituíram em interpretações já consolidadas sobre o seu objeto, ainda que sua intenção seja a de mobilizar tais esforços analíticos para conduzir o seu trabalho para outras direções.

Já os autores Rafael Marchesan Tauil e Luciléia Aparecida Colombo, no artigo denominado de "*Nacional-Desenvolvimentismo e Marxismo Acadêmico: O Eixo Rio-São Paulo*" buscam dinamizar ainda mais as interpretações acerca do marxismo no Brasil através de uma análise comparativa entre dois polos distintos da intelectualidade nacional: a USP e o ISEB. Segundo os autores, a obra de Karl Marx foi lida de diferentes formas nestas duas instituições, tendo a USP resguardado uma perspectiva analítica mais reinterpretativa das ideias do intelectual alemão com fins de aproximar suas teorias ao entendimento da realidade nacional e tendo o ISEB, ou parte do mesmo, lançado mão dos ensinamentos marxianos buscando propósitos pragmáticos e bem definidos de ação e de interferência na realidade brasileira para o alcance do "pleno desenvolvimento". Neste estudo, Rafael Marchesan Tauil e Luciléia Aparecida Colombo mostram como as ideias de Karl Marx foram diferentemente recepcionadas, interpretadas e mobilizadas no Brasil por dois grupos distintos da intelectualidade nacional entre os anos de 1950 e 1960 (recorte temporal definido pelos autores), vinculados, cada qual, a uma grande instituição intelectual da época. Da intencionalidade inicial dos autores, vale destacar, emerge também a relevante possibilidade de compreendermos como a "mobilização de um mesmo autor em contextos semelhantes pôde contribuir com interpretações tão diferentes acerca de um mesmo contexto de realidade".

Carlos Eduardo Tauil e Tabita Tiede Lopes são os autores do artigo intitulado de "*O Marxismo para além do Estruturalismo: um Debate acerca da Dependência Econômica Brasileira na década de 1950*". De modo comparativo, os pesquisadores buscam compreender como determinadas ideias e noções marxistas aparecem na leitura caiopradiana acerca da situação de dependência econômica do Brasil – nos anos de 1950 – frente determinadas "categorias estruturalistas utilizadas pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL)". Nesta proposta analítica, os autores priorizam a investigação de obras pouco revisitadas de Caio Prado Júnior que, por sua vez, se distanciam relativamente do tema central que percorreu boa parte das preocupações intelectuais do estudioso paulista: a formação nacional. Sendo assim, *Diretrizes para uma Política Econômica Brasileira* (1954) e *Esboços dos Fundamentos da Teoria Econômica* (1957) são os estudos mais acessados pelos autores para o entendimento da leitura caiopradiana acerca da situação de dependência econômica no Brasil. De modo geral, o artigo de Carlos Eduardo Tauil e Tabita Tiede Lopes nos ajuda a dimensionar o debate de paradigmas e posições circunscritos ao tema da dependência no Brasil e, por conseguinte, visualizar a realização de possíveis diálogos comparativos no campo do pensamento e das ideias.

Gustavo Louis Henrique Pinto e Elisângela da Silva Santos, autores do artigo intitulado "*Os Vínculos Intelectuais entre América Latina e Ocidente: uma Comparação entre Leopoldo Zea e José Medina Echavarría*", estabelecem um diálogo comparativo entre as teses de Leopoldo Zea e de José Medina Echavarría tendo como pano de fundo o problema da formação das ideias na e sobre a América Latina. Segundo os autores, ambos os intelectuais, ao passo que realizavam comparações entre América Latina e Europa, construíam algumas sínteses sobre determinados temas, tais como: ocidentalidade, reivindicação de uma tradição civilizatória para o "novo mundo", progresso material e progresso intelectual. De acordo com os autores, percebemos que tanto Leopoldo Zea quanto José Medina Echavarría localizaram e buscaram compreender a América Latina "dentro do contexto da história universal em relação com uma ordem e um centro de poder designado como mundo ocidental", produzindo assim, análises das "estruturas mentais e materiais a partir de sistemas filosóficos e sociológicos consolidados, ora na Europa – a sua conexão com o mundo ocidental – ora embasados na perspectiva *autóctone*". Este texto de Gustavo Louis Henrique Pinto e Elisângela da Silva Santos nos oferece, dentre outras coisas, subsídios para compreendermos como trajetórias individuais de determinados intelectuais e contextos específicos – históricos, de produção e situacionais – são muito produtivos quando temos a intenção de apreender, investigar e analisar a emergência de determinadas ideias,

paradigmas, diagnósticos e interpretações sobre um povo, uma nação ou até mesmo um continente.

Certamente uma série de outros intelectuais, outras ideias/teses e outras instituições, que fazem parte do repertório abordado pelos pesquisadores do campo do Pensamento Político e Social Brasileiro, poderiam fazer parte de um dossiê que se debruça sobre este tema. Todavia, uma série de limitações, dentre as quais poderíamos mencionar como principais aquelas vinculadas ao tempo e ao espaço que compete a um trabalho introdutório como este que ora apresentamos, obrigaram-nos a uma opção que, como toda seleção que, por força dos motivos expostos, necessita acolher alguns trabalhos (por não comportar uma quantidade que seria ideal, porém inexequível), não pudemos abordar mais pormenorizadamente as metodologias desenvolvidas por Skinner, Pocock e Koselleck, por exemplo, ou ainda, tantos autores tão relevantes quanto os que foram abordados, como é o caso, apenas para exemplificar, de Celso Furtado. Por fim e após essa longa apresentação, nos resta desejar a todos uma boa leitura dos textos selecionados para o dossiê *Pensamento Político e Social Brasileiro* veiculado pela Revista Florestan. Desde já agradecemos a atenção do leitor e o convidamos para a apreciação dos próximos números da revista.